

Cátia Teresa Faria Félix

**Desvios de fala ocorridos em palavra isolada e em frases em idade  
pré-escolar**



Universidade Fernando Pessoa – FCS

Porto, 2013



Cátia Teresa Faria Félix

**Desvios de fala ocorridos em palavra isolada e em frases em idade  
pré-escolar**



Universidade Fernando Pessoa - FCS

Porto, 2013

Cátia Teresa Faria Félix

**Desvios de fala ocorridos em palavra isolada e em frases em idade  
pré-escolar**

Atesto a originalidade do trabalho apresentado:

---

Orientadora:

Dr<sup>a</sup> Eva Antunes

“Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa  
como parte dos requisitos para obtenção  
do grau de Licenciatura em Terapêutica da Fala”

## **Resumo**

Quando verificamos a ocorrência de desvios de fala para além da idade prevista em pré-escolares, estes podem acarretar problemas ao nível da aprendizagem, por isso ser importante o seu estudo dentro do que é esperado para cada idade.

Este estudo tem como objetivo geral, verificar se os desvios de fala ocorridos em palavra isolada e em frase diferem. Os objetivos específicos vão permitir comparar os desvios de fala em palavra isolada com os ocorridos em frase; relacionar os desvios da fala em palavra isolada e em frase, com a idade e o grau de escolaridade mais elevada dos pais; e descrever os diferentes desvios de fala ocorridos em palavra isolada e/ou em frase. Foram então avaliadas 34 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade, pertencentes aos concelhos de Amarante e Felgueiras.

Para a recolha de dados foi usado o teste articulatorio CPUP e uma adaptação da prova de avaliação do discurso dirigido de Yavas et al (2002). As produções de fala das crianças nos dois momentos foram divididas em corretas, incorretas e repetições, posteriormente as produções incorretas foram divididas pelos desvios considerados para este estudo (omissões, substituições, epêntese, metátese, distorções/atipias e coocorrência). Os resultados do estudo indicam que ocorrem mais desvios de fala em frase do que em palavra isolada, por outro lado obtivemos inconsistências ao comparar a ocorrência dos desvios de fala em palavra isolada e em frase, por idades e pelo grau de escolaridade dos pais, uma vez que para o primeiro se verificam relações estatisticamente significativas, e para o segundo o mesmo não se observa. Conclui-se também que para a amostra estudada a produção dos diferentes desvios analisados ocorrem de forma inconsistente em palavra isolada e em frase.

**Palavras Chave:** Desvios de Fala; Pré-escolares; Fala.

## **Abstract**

When we checked the occurrence of speech disorders beyond the expected age in preschoolers, these can lead to problems at the level of learning, so it is important to its study within what is expected for each age.

This study has the general objective to verify if the speech disorders occurred in isolated word and phrase differ. The specific objectives will allow comparing the speech disorders in isolated word to those occurring in sentence; relating speech disorders in isolated word and sentence with the children's age and higher education level of parents, and describing different speech disorders occurred in isolated word and / or phrase. Were then evaluated 34 children aged 3 to 5 years of age, belonging to the municipalities of Amarante and Felgueiras.

For data collection test was used CPUP articulation and an adaptation of the assessment test speech directed Yavas et al (2002). The speech productions of children in the two periods were divided into correct and incorrect repetitions later productions were incorrect divided by disorders considered for this study (omissions, substitutions, epenthesis, metathesis, distortion / atypia and co-occurrence). The results of the study indicate that most disorders occur in speech phrase than in isolated word, on the other hand got inconsistencies when comparing the occurrence of speech disorders in isolated word and sentence by age and by education level of parents, one since the first check for statistically significant relationships and for the second it was not observed. We also conclude that for sample production of any variations occur inconsistently analyzed in isolated word and phrase.

**Keywords:** Speech disorders; Preschoolers; Speech.

## **Dedicatória**

Aos meus queridos avós que apesar de não estarem presentes sei que estão certamente orgulhosos de tudo o que alcancei até ao momento, e porque todos os valores e ensinamentos que me transmitiram fizeram de mim o que hoje sou.

## **Agradecimentos**

Em especial agradeço às colaboradoras do Centro Social e Paroquial de Santão, a todas as crianças, pais e educadores que participaram deste estudo, e ajudaram à realização do mesmo.

Aos autores Yavas, Hermandorena e Lamprecht, que nos cederam autorização para o uso de um dos testes deste estudo, muito obrigada.

Um obrigada muito sincero também à orientadora deste projeto, Dr.<sup>a</sup> Eva Antunes, por todo o profissionalismo, empenho, apoio e transmissão de conhecimentos que permitiram não só a realização deste estudo, mas também a minha formação pessoal e profissional.

Agradeço também a todas as docentes e terapeutas, Prof. Doutora Joana Rocha, Mestre Vânia Peixoto, Mestre Susana Vaz Freitas, Dr.<sup>a</sup> Sara Araújo, Dr.<sup>a</sup> Elisabete Ferreira, por todos os conhecimentos que me transmitiram e pela contribuição que deram para a minha formação.

Aos meu queridos colegas de curso, e em especial à Sandra Silva por todo o companheirismo e amizade que demonstrou desde o primeiro dia, porque a vida é feita de amizade e partilha.

E sobretudo agradeço à minha mãe, pai, irmão e cunhada pelas palavras de incentivo e por toda a paciência e apoio durante a realização deste projeto, porque sem eles nada disto seria possível.

E não menos importante, um obrigada muito especial, ao meu querido João, por todo o companheirismo, compreensão, conforto, encorajamento e paciência que sempre teve durante toda a realização deste sonho.

O meu muito obrigada a todos.

## **Lista de abreviaturas**

V – Vogal

CV – Consoante + Vogal

CVC – Consoante + Vogal + Consoante

CCV – Consoante + Consoante + Vogal

## Índice

Introdução .....	1
I. Enquadramento Teórico.....	3
1. Classificação articulatória dos sons da fala.....	3
2. Aquisição e desenvolvimento fonológica .....	5
i. Aquisição segmental .....	9
ii. Aquisição da estrutura silábica .....	11
3. Desvios de Fala .....	13
4. Testes de avaliação da fala.....	18
II. Metodologia.....	20
1. Objetivo.....	20
2. Tipo de estudo .....	20
3. Amostra .....	20
4. Variáveis .....	21
5. Materiais e procedimentos .....	22
6. Análise e tratamento de dados.....	24
III. Apresentação de resultados .....	25
IV. Discussão de resultados .....	28
V. Conclusão .....	31
Referências Bibliográficas .....	33
Anexos.....	37
Anexo 1 - Carta redigida aos autores da prova de discurso dirigido.....	38
Anexo 2 - Resposta de um dos autores da prova de discurso dirigido.....	39
Anexo 3 - Resposta da editora do livro que contém o teste .....	40
Anexo 4 - Resposta da editora do livro que contém o teste .....	41
Anexo 5 - Avaliação do discurso dirigido – Descrição de imagens.....	42
Anexo 6 - Pistas para palavras da avaliação do discurso dirigido .....	43
Anexo 7 - Questionário sóciodemográfico.....	44
Anexo 8 - Consentimento Informado Institucional.....	45
Anexo 9 - Consentimento informado – Encarregados de Educação .....	46
Anexo 10 - Média entre a produção de fala e o nível de escolaridade dos pais.....	47

## **Índice de figuras**

Figura 1: Classificação articulatória das consoantes do Português Europeu .....	4
---	---

## **Índice de gráficos**

Gráfico 1: Palavras isoladas .....	25
Gráfico 2: Palavras em frase .....	25

## **Índice de tabelas**

Tabela 1: Amostra total por idades e sexo .....	21
Tabela 2: Percentagem total dos diferentes desvios de fala ocorridos por idade .....	26

## **Introdução**

A linguagem inicia-se desde cedo, as primeiras palavras surgem por volta dos 12 meses, e o seu grande marco, ou seja, onde há um maior desenvolvimento fonológico é por volta dos três anos. Inicialmente, a criança começa a perceber os sons e sílabas na fala dos adultos, e depois inicia a sua própria produção organizando os sons à sua maneira. Começam a surgir os desvios de fala, uma vez que a criança usa simplificações dos fonemas, afetando classes completas de sons (Galea e Wertzner, 2005). Visto que é através da fala que comunicamos primordialmente, devemos estar atentos às dificuldades que podem surgir nesta área, porque podem acarretar problemas ao nível do desenvolvimento social ao longo das várias etapas da vida, se não forem detetados precocemente (Bragança et al, 2011).

Este estudo foi pensado uma vez que a investigação da aquisição e desenvolvimento fonológico despertam bastante interesse para os profissionais da área da terapia da fala, como forma de conhecer melhor esta área da linguagem para o qual ainda não existem muitos valores de referência sobre a sua natural aquisição no Português Europeu. Este trabalho tem como tema os desvios de fala ocorridos em palavra isolada e em frase em idade pré-escolar. O objetivo geral do estudo é verificar se os desvios de fala ocorridos em palavra isolada e em frase diferem. Os objetivos específicos são: a) comparar os desvios de fala em palavra isolada com os ocorridos em frase; b) relacionar os desvios da fala em palavra isolada e em frase, com a idade; c) relacionar os desvios de fala em palavra isolada e em frase com a escolaridade mais elevada dos pais; d) descrever os diferentes desvios de fala ocorridos em palavra isolada e em frase.

Este trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos (Enquadramento teórico, Metodologia, Apresentação de resultados, Discussão dos resultados e Conclusão) contendo alguns destes subcapítulos. No primeiro capítulo deparamo-nos com um enquadramento teórico que vai de encontro ao tema em estudo, de forma a compreender melhor tanto a aquisição fonológica como o aparecimento de desvios da fala. No capítulo II encontra-se a metodologia, com a descrição dos objetivos do estudo, o tipo de estudo realizado, os participantes, todos os procedimentos e instrumentos metodológicos utilizados na recolha de dados, bem como a análise dos dados e as variáveis do estudo em questão. No capítulo III surge a apresentação dos resultados

obtidos da análise de dados, no qual se verificou que ocorrem mais desvios de fala em frase do que em palavra isolada, e obtivemos também estatísticas significativas relacionando a idade com a produção de maior número de consoantes corretas, ao contrário do grau mais elevado de escolaridade dos pais que não influenciou a produção de fala, é realizada ainda uma interpretação destes mesmos dados na discussão no capítulo IV. Finalmente surge o V capítulo no qual encontramos as conclusões que foram obtidas com a realização do estudo e onde são descritas as limitações do estudo e algumas questões de investigação para o futuro.

## **I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1. Classificação articulatória tradicional dos sons da fala**

A classificação articulatória dos sons da fala mais tradicional era caracterizada pela forma como os sons são organizados e pretendia a observação dos movimentos realizados pelos órgãos articulatórios, contudo atualmente esta classificação tem vindo a sofrer algumas mudanças com a chegada de novos equipamentos, que permitem uma melhor observação do que as anteriormente realizadas (Mateus et al, 2005).

As mesmas autoras referem que a produção das vogais é realizada sem obstruções da passagem de ar pelo trato vocal, e é visível a vibração das cordas vocais, sendo por isso sons vozeados. Para a articulação das vogais é necessário ter em conta dois parâmetros, que serão importantes para a produção das nove vogais do português europeu, sendo eles: a posição do dorso da língua e da raiz da língua, que incluem a altura e ponto de articulação; e a posição dos lábios, arredondados ou não arredondados (Mateus et al, 2005). Assim, para a altura do dorso da língua consideramos três parâmetros (alta, média e baixa); já quanto ao ponto de articulação temos também três aspetos a ter em consideração (anterior/palatal, central, posterior/velar) (Mateus et al, 2005).

É ainda referido pelas autoras acima mencionadas que as vogais nasais também existentes no português europeu são diferentes das vogais orais, uma vez que o fluxo de ar passa quer pela cavidade vocal como nasal. Existem também para o português europeu, as semivogais /j/ e /w/, que são de articulação muito semelhante às vogais /i/ e /u/, respetivamente. Elas são assim definidas, uma vez que para a sua produção, não é necessário o gasto da mesma energia usada para a produção das vogais, e por isso devido ao uso de menos energia e intensidade classificamos esses sons como semivogais. É também importante ter em consideração que estas são sempre produzidas junto de uma vogal (Mateus et al, 2005).

Diferentes das vogais e semivogais, as consoantes são produzidas por maiores ou menores obstruções que ocorrem ao nível da passagem de ar pela cavidade vocal, essas obstruções são originadas pelo movimentos efetuado pelos respetivos articuladores, que podem impedir por completo a passagem de ar, ou podem apenas diminuir a passagem

do ar (Mateus et al, 2005). Para definir a articulação das consoantes devemos ter em conta os dois aspetos seguintes: ponto de articulação – obstrução causada ao nível do trato vocal; modo de articulação – zona do trato vocal onde o som é produzido. Assim podemos então classificar as consoantes como: plosivas – obstrução total da passagem de ar /b,d,g,p,t,k,m,n,ŋ/; fricativas – obstrução parcial da passagem de ar, e suficiente para produzir o som /f,s,ʃ,v,z,ʒ/; líquidas laterais – obstrução central da passagem de ar, ou seja, o ar é obrigado a passar pelos lados do dorso da língua /l,ʎ/, e por fim, as líquidas vibrantes – obstrução parcial que causa a vibração da língua /r,R/ (Mateus et al, 2005; Cunha e Cintra, 2005). Tanto as consoantes laterais como vibrantes pertencem a um grupo maior dentro desta classificação, o das líquidas, pois estes fonemas partilham os mesmos aspetos articulatorios e acústicos (Mateus et al, 2005).

Os sons do português distinguem-se ainda por uma outra característica, para além das mencionadas anteriormente, sendo ela a presença ou ausência de vibração das cordas vocais. Assim, os sons sonoros/vozeados caracterizam-se pela vibração das cordas vocais, e os sons surdos/desvozeados pela ausência de vibração das mesmas (Mateus et al, 2005; Cunha e Cintra, 2005).

Ponto de articulação	Modo de articulação			
	Plosiva	Fricativa	Líquida	
			Lateral	Vibrante
Bilabial	/p/; /b/; /m/			
Labiodental	/d/; /t/	/v/ e /f/		
Dental		/s/; /z/		
Alveolar	/n/	/ʒ/; /ʃ/	/l/	/r/
Palatal	/ɲ/		/ʎ/	
Velar	/g/; /k/			
Uvular				/R/

**Figura 1:** Classificação articulatória das consoantes do português europeu (Mateus et al, 2005; Cunha e Cintra, 2005)

## 2. Aquisição e Desenvolvimento Fonológico

Falar de aquisição da fonologia é falar também de aquisição de linguagem em geral, pois não se adquirem palavras, frases, etc, sem adquirir formas sonoras. É falar, ainda, do único momento da vida do indivíduo em que o erro é bem recebido. Com efeito, seja qual for a prática ou ideologia pedagógica da comunidade, algum desvio do modelo adulto é sempre bem tolerado na fala da criança pequena (Albano, 1988, p. 11-26 *cit in* Mourão et al, 2006).

A aquisição fonológica envolve a percepção, a produção e também a organização das regras, ou seja, a criança ao adquirir os fonemas, aprende também a sua distribuição tanto nas sílabas como nas palavras. Aquando do desenvolvimento a criança aumenta o próprio inventário fonético e domina as regras fonológicas características do seu sistema linguístico considerando os fonemas, a sua distribuição e o tipo de estrutura silábica onde ocorrem (Lowe *cit in* Ferrante et al, 2009).

O desenvolvimento fonológico implica a aquisição de um sistema de sons profundamente ligado ao crescimento global da criança em relação ao idioma e embora seja possível identificar tendências gerais, cada criança desenvolve a sua linguagem de forma particular (Lowe *cit in* Ferrante et al, 2009). Indrusiak e Rockenbach (2012) referem que o sistema fonológico é adquirido de forma gradual até se estabelecer. Estes autores defendem ainda que a criança começa a falar por volta dos 12 meses, uma vez que é por essa altura que se inicia a formação das primeiras palavras da criança.

A fala ocorre então durante os primeiros anos de vida da criança, à medida em que os fonemas vão sendo adquiridos e organizados nas diferentes posições em sílabas e em palavras, e com uma certa ordem cronológica idêntica para a maioria das crianças (Keske-Soares et al *cit in* Ferrante et al 2008). Contudo, a criança começa a comunicar muito antes de começar a fala propriamente dita. Aquando do seu nascimento, o bebé tem já a capacidade de comunicar, uma vez que este já é capaz de perceber os estímulos auditivos que vai recebendo, chora, faz alguns gemidos, e produz ainda alguns sons que são considerados como sons comunicativos, pois é a forma como o bebé manifesta o seu desagrado, contentamento e necessidades (Rondal et al, 2007). Então aproximadamente até aos dois meses, a criança produz, basicamente, sons reflexivos e vegetativos, sendo estes associados a determinadas ações ou comportamentos (Guerreiro, 2007).

No momento em que o choro começa a ser pouco frequente, surge a fase do palreio que marca uma alteração importante para a capacidade comunicativa da criança. Aparece por volta dos 2-3 meses principalmente em interações comunicativas, sendo caracterizado pela produção de sequências de sons vocálicos e consonânticos, sendo igualmente comum observar sorrisos e gargalhadas (Guerreiro, 2007 e Castro e Gomes, 2000). Por volta dos dois a quatro meses a criança realiza produções de sons muito próximos de vogais, e ainda alterna essas produções, mesmo que por breves instantes, por outras com características consonânticas, sendo estas produzidas pela parte posterior do trato vocal (Guerreiro, 2007).

Já entre os 4 e os 6 meses ocorrem produções de sequências maiores, com variações na altura tonal e intensidade, e por isso ser chamada de fase do jogo vocálico (Guerreiro, 2007). No sexto mês, a criança entra na fase do balbucio, onde produz sequências sonoras compostas por consoantes e vogais, apresenta maior proximidade sonora da linguagem que outras vocalizações mais precoces como o choro, as sequências produzidas assemelham-se a sílabas reduplicadas ou alternadas. Estas produções são inicialmente, caracterizadas como atividades de autoestímulo e só depois passam a ser atividades de imitação na interação entre criança e adulto (Guerreiro, 2007). Dos 8 aos 10 meses é visível que as produções das crianças evidenciem algumas características da sua língua materna. A fase de jargão, surge a partir dos dez meses, nesta fase as sequências de sílabas assemelham-se a frases pois a sua produção contempla pausas e variações rítmicas e melódicas. Assim, as sílabas produzidas diferem entre si, deixando de parte as sílabas reduplicadas referidas em períodos anteriores (Guerreiro, 2007 e Castro e Gomes, 2000).

É logo no primeiro ano de vida que a criança começa a perceber os sons da fala, e esta capacidade vai manter-se em desenvolvimento até à idade escolar (Indrusiak e Rockenbach, 2012). Este primeiro ano de vida é de extrema importância para a aquisição da linguagem. O bebé devido à sua exposição diária de estímulos começa a usar uma série de capacidades básicas que lhe permitem interagir intencionalmente com o adulto, a um nível pré-verbal. Nesta fase a criança é capaz de diferenciar a sua língua materna de uma outra língua, mas consegue também usar as informações visuais e auditivas, começando a perceber que os sons da fala e os movimentos dos lábios estão interligados (Rondal et al, 2007). As primeiras palavras da criança, surgidas tal como

referido após um ano de idade, são definidas foneticamente como sendo mais estáveis uma vez que são produzidas de forma consistente em certos contextos, e muito semelhantes às produções dos adultos (Guerreiro, 2007). Após as primeiras produções, entre os doze e os dezoito aos vinte e quatro meses, a criança chega a produzir cerca de cinquenta palavras, mas de forma isolada. É durante este período que, alguns autores defendem que as produções da criança apresentam limitações ao nível da sílaba e segmentos usados, e por isso nesta fase se registam produções de sílabas simples (CV), sendo reduplicadas ou não, mas também apenas as vogais e alguns fonemas são produzidos (Guerreiro, 2007 e Castro e Gomes, 2000). Tendo em conta as igualdades ao nível da produção das crianças, existem alguns princípios considerados comuns na articulação para os primeiros enunciados produzidos pelas crianças, seguindo então os seguintes parâmetros: repetição de sílabas; omissão de sílabas átonas não acentuada; redução de grupos consonânticos; assimilação regressiva e progressiva (Sim-Sim *cit in* Antunes e Rocha 2009).

É por volta dos dois anos que a criança tenta usar combinações de duas palavras, tentando a construção de frases, o vocabulário aumenta muito rapidamente ainda durante esta idade. O inventário fonético da criança começa a crescer de forma rápida, mas ainda incompleto sendo a sua articulação ainda imperfeita, a fala da criança contém ainda muitas omissões, substituições e distorções de sons. Aos três anos, a fala da criança torna-se cada vez mais inteligível, esta passa a ser compreendida por pessoas não tão próximas dela, embora ocorram ainda muitos erros articulatórios, uma vez que o seu repertório de sons não está ainda completo. Já por volta dos 4 anos a articulação da criança começa a ficar mais precisa, ocorrendo ainda algumas omissões e distorções dos sons. Observamos então que entre os dois e os quatro anos, ocorre um rápido desenvolvimento da criança. Aos 5 anos a criança já se encontra capaz de articular de forma correta a maioria, ou até mesmo todos os sons da sua língua materna, apresentando então uma linguagem muito mais enriquecida, o que lhe permite compreender e produzir frases mais complexas e transmitir inúmeras intenções comunicativas, podendo ainda adaptar o seu discurso ao interlocutor (Guerreiro, 2007; Rondal et al, 2007).

Os autores Patah et al (*cit in* Indrusiak e Rockenbach, 2012), defendem que o desenvolvimento fonológico para o português do Brasil fica completo por volta dos

cinco anos, contudo este dado é motivo de controvérsia na literatura, uma vez que alguns autores defendem que essa fase pode prolongar-se até aos sete anos. Por outro lado para o português europeu. Castro e Gomes (2000), referem que o sistema fonológico da criança fica completo também aos 5 anos, e é frequente nestas crianças encontrar em algumas palavras desvios de fala como metátese ou epêntese uma vez que as sílabas complexas não são de fácil articulação.

Indrusiak e Rockenbach (2012), referem também que no desenvolvimento fonológico padrão da língua portuguesa, os fonemas plosivos e nasais são os primeiros a serem adquiridos por volta dos dois anos de idade. Já os fonemas fricativos adquirem-se de seguida aos fonemas plosivos e nasais. Os fonemas fricativos adquiridos inicialmente são o /f/ e o /v/ e os restantes /ʃ/, /s/, /z/ e /ʒ/ são adquiridos mais tardiamente. Contudo os fonemas sonoros são adquiridos primeiro que os surdos (Ferrante et al, 2009 e Oliveira, 2004). Quanto aos fonemas líquidos estes são os últimos a serem adquiridos, nos quais as líquidas laterais são as primeiras a surgirem e posteriormente, temos as líquidas não laterais, assim o /l/ é adquirido primeiro que o /ʎ/, e o /R/ também acontece primeiro que o /r/ (Hermandorena et al cit in Ferrante et al, 2009).

É importante que se identifiquem alterações quanto ao desenvolvimento fonológico, mas, para isso é também importante conhecer a aquisição fonológica típica, assim a análise do sistema fonológico pode ser realizada verificando os desvios de fala ocorridos, no qual a criança produz a fala dos adultos de forma mais fácil para ela, permitindo a ocorrência de simplificações que trazem consequências na correta produções de determinados sons (Wertzner cit in Patah e Takiuchi, 2008). No desenvolvimento dito “normal”, ocorre frequentemente o uso de omissões e substituições por parte da criança, que tendem a desaparecer ao longo do crescimento da mesma. É por isso esperado para as diferentes faixas etárias a ocorrência de determinados desvios fonológicos que são considerados normais ao seu desenvolvimento (Ingram cit in Patah e Takiuchi, 2008).

As autoras Antunes e Rocha (2009), referem também que a maturação fonológica é caracterizada pela fragilidade dos sons que vão sendo adquiridos, uma vez que para produzir de forma correta os sons pretendidos, serão realizados, pela criança, múltiplas aproximações dos mesmos até conseguir uma produção correta, mas de forma

inconstante e dependendo do contexto em que o som está inserido. As mesmas dizem ainda que o período que se revela de maior importância para a aquisição do sistema fonológico da criança, ocorre entre os 18 e os 4 anos de idade. Considerando-se então que a partir dessa idade a criança já não deve efetuar processos de simplificação.

### **i. Aquisição segmental**

Castro e Gomes (2000) mencionam a existência para o português europeu de uma hierarquia muito semelhante entre a aquisição dos fonemas e a organização dos fonemas silabicamente. Ao nível dos fonemas, primeiro são adquiridas as vogais, e posteriormente as oclusivas e fricativas. Contudo, uma vez que não existem dados na literatura que nos permitam apresentar a aquisição de fonemas para o português europeu, será apresentado de seguida os dados referentes ao português do Brasil.

As vogais são adquiridas primeiro, uma vez que são os fonemas nos quais existem menores dificuldades, assim por volta dos 1:8 é que todas as vogais do português são adquiridas, sendo a sua ordem de aquisição a seguinte: /a/; /i/; /u/; /e/; /o/; /ɛ/; /ɔ/, sendo que elas não são adquiridas todas na mesma altura mas sim em estádios diferentes (Bonilha, 2004). Segundo Rangel cit in Bonilha (2004), a vogal /a/ é adquirida por volta de 1:0; já as vogais /i/ e /u/ ocorrem ao 1:1; as vogais /e/ e /o/ surgem ao 1:2 e finalmente a vogal /ɔ/ é adquirida ao 1:5, seguindo-lhe a /ɛ/ aos 1:6. Ao analisar esta aquisição para o português do brasileiro verificamos que existem menos duas vogais orais que as existentes para o português europeu, pois este contém ainda o /ɐ/ e /ə/ (Mendes et al, 2013).

Em relação à aquisição das consoantes para o português brasileiro verificamos, segundo Freitas (2004), que os fonemas plosivos orais e nasais são os primeiros a serem adquiridos pelas crianças com desenvolvimento fonológico “normal”, estando ambos adquiridos antes dos 2 anos de idade, estes são também caracterizados pela obstrução completa da passagem de ar e posterior abertura da cavidade oral. A mesma autora refere ainda que as plosivas orais do português são /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/ e as nasais /m/ e /n/ estão adquiridas entre 1:6 e 1:8, enquanto o /ɲ/ pode ser adquirido um pouco mais tarde. Também Grunwell (*cit in* Ferrante et al, 2008), refere que as consoantes plosivas e nasais são então as primeiras a serem adquiridas, estando estas dominadas por volta

dos 2 anos, podendo contudo o /p/ ser adquirido um pouco mais tarde. Tendo em consideração a autora Freitas (2004), existe em relação à aquisição das plosivas uma certa tendência, tendo a seguinte ordem: os fonemas /p/; /t/; /k/ são os primeiros a serem adquiridos, de seguida temos /p/; /b/; /t/; /d/; /k/ e por fim /p/; /b/; /t/; /d/; /k/; /g/.

A literatura refere, ainda, as fricativas como os fonemas que se adquirem posteriormente aos plosivos. Na classe das fricativas temos os fonemas de aquisição inicial /f/ e /v/, e os fonemas de aquisição mais tardia /s/; /z/; /ʃ/; /ʒ/ (Grunwell cit in Ferrante et al, 2008 e Oliveira, 2004). Desta forma, os fonemas fricativos labiais ocorrem primeiro sendo eles: o /v/ e o /f/, o primeiro é adquirido por volta de um 1:8 e o segundo aos 1:9. Já as fricativas /s/; /z/; /ʃ/; /ʒ/ são adquiridas mais tarde, sendo o /s/ adquirido aos 2:6, o /z/ aos 2:0, o /ʃ/ aos 2:10 e o /ʒ/ aos 2:6. Esta aquisição dá-se primeiramente com o fonema sonoro e só depois é adquirido o fonema surdo com o mesmo ponto e modo de articulação (Grunwell cit in Ferrante et al, 2008 e Oliveira, 2004).

Quanto aos fonemas líquidos estes são os últimos a serem adquiridos no português, dentro desse grupo de sons, as laterais /l/ e /ʎ/ são adquiridas antes das não-laterais /R/ e /r/. A primeira líquida lateral a ser adquirida é o /l/, e só após esta estar completamente adquirida é que surge a primeira líquida não-lateral /R/. O mesmo acontece com os fonemas /ʎ/ e /r/, sendo o primeiro adquirido antes do segundo (Mezzomo e Ribas, 2004). A lateral alveolar /l/ é adquirida primeiro em posição inicial aos 2:8 e, é dominada em posição medial aos 3:0. A aquisição do /ʎ/ é bem mais tardia do que a aquisição de /l/ e só por volta da idade de 4:0 a aquisição deste som ocorre. Já a líquida vibrante /R/ está dominada aos 3:4 – 3:5, tanto em posição inicial quanto em posição medial (Hermandorena e Lamprecht *cit in* Mezzomo e Ribas, 2004). A líquida não-lateral /r/ na posição de ataque simples, está adquirida aos 4:2, sendo, portanto um fonema de aparecimento tardio no desenvolvimento fonológico. Na produção do fonema /r/ verifica-se uma maior variabilidade de aquisição entre as crianças, estando este som estabilizado até aos 7 anos (Hermandorena e Lamprecht *cit in* Mezzomo e Ribas, 2004). É neste grupo de fonemas que existe um uso diversificado de desvios de fala durante o desenvolvimento. E talvez o facto de este grupo ser dos mais complexos, tanto ao nível articulatorio como fonológico justifique a aquisição tardia dos mesmos (Mezzomo e Ribas, 2004).

Num estudo realizado por Mendes et al, (2013), para a aquisição de consoantes para o português europeu foi possível verificar que a idade de aquisição dos fonemas é semelhante. Contudo verificou-se a exceção das fricativas vozeadas que segundo este estudo são adquiridas mais tarde do que o que é referenciado para o português do Brasil.

## **ii. Aquisição da estrutura silábica**

Lamprecht (2004a) menciona que, apesar de existirem inúmeras semelhanças entre o português do Brasil e o português europeu, existem algumas diferenças ao nível do desenvolvimento fonológico, mais concretamente na aquisição das estruturas silábicas complexas, sendo por isso o próximo subcapítulo dedicado a esse mesmo tema mas para o português europeu.

Antes de nos focarmos na estrutura silábica propriamente dita devemos entender o que é a sílaba. Sendo ela definida como uma estrutura abstrata, e de grande importância para a organização e produção de frases. A sílaba é também considerada uma unidade de fala que contém uma vogal ou até mesmo outros sons, e pode ser constituída por uma ou mais consoantes. Posto isto, consideramos que a estrutura silábica está organizada por diferentes níveis que não se ficam somente pela sílaba mais simples Consoante + Vogal (CV). Assim, a sílaba não traduz apenas uma sequencialização de fonemas, pois ela é organizada por diversas unidades subsilábicas, que ajudam a formar uma estrutura mais complexa. É por isso, que consideramos que existe uma unidade imprescindível e que é considerada a base da própria língua ao que nós chamamos de núcleo. E este pode ainda conter unidades subsequentes, ou seja a coda, e também unidades antecedentes ao qual chamamos de ataque. Podemos considerar que a sílaba poderá ser constituída por ataque e rima, onde o ataque engloba as consoantes que ocorrem á esquerda da vogal da sílaba, mas nem sempre é necessário preencher este ataque, já a rima é constituída por núcleo e coda, onde o núcleo é constituído sempre por uma vogal, sendo também este de carácter obrigatório e a coda é o elemento que consta à direita do núcleo e dependendo das palavras pode ou não estar preenchida (Gomes e Castro, 2005; Mateus et al, 2005).

O ataque, tal como já foi referenciado, pode estar preenchido por uma consoante, duas, ou até mesmo nenhuma, e estas três possibilidades dão origem a três tipos de ataques diferentes, sendo eles: o ataque ramificado, quando existem duas consoantes; o ataque

não ramificado o qual é chamado de simples quando contém apenas uma consoante, e vazio quando não possui qualquer consoantes. O ataque mais frequente dos três é o ataque não ramificado simples. Já para o ataque ramificado o mais usual é encontrarmos sequências com fonemas plosivos e líquidas (Mateus et al, 2005).

A rima inclui os constituintes terminais de uma sílaba, sendo eles núcleo e coda, assim a rima pode apresentar-se como não ramificada, quando apenas é constituída pelo núcleo ou pode ser apresentada como rima ramificada, quando contém núcleo e coda. O núcleo pode conter tanto a vogal, como uma vogal precedida de uma semivogal, onde a primeira constitui um núcleo não ramificado e a segunda um ramificado. Já a coda domina as consoantes ocorridas á direita do núcleo, estas podem diferir de língua para língua, contudo para o português a coda tem uma estrutura simplificada e com algumas restrições para o uso de algumas consoantes, por exemplo não é visível a ocorrência de nasais na posição de coda para o português, pois a nasalidade está associada à vogal existente no núcleo (Mateus et al, 2005).

É importante conhecer as estruturas silábicas de uma língua e a frequência com que estas ocorrem, uma vez que nos permitem diferenciar e compreender melhor as dificuldades articulatórias que possam surgir, e ainda porque alguns estudos referem que o tamanho da sílaba pode influenciar a aquisição da mesma. Posto isto, devemos reter ainda que as crianças portuguesas e brasileiras articulam primeiro as estruturas V (vogal), posteriormente, as CV e só depois passam a articular as estruturas mais complexas como as sílabas CVC (Consoante + Vogal + Consoante) e CCV (Consoante + Consoante + Vogal), onde nas rimas complexas primeiro são produzidas as sílabas em encontro consonântico (esta é por sua vez uma estrutura do tipo CVC, onde a sílaba nesta estrutura não termina na vogal e prolonga-se com mais uma consoante) e só depois as de grupo consonântico (neste enquadramos a estrutura silábica do tipo CCV onde encontramos com maior frequência o /r/ e /l/ em posição intermédia). Quanto à posição na sílaba e palavra a ordem de aquisição encontrada para o português do Brasil é: primeiro o ataque medial (início de sílaba dentro de palavra); coda final (final de sílaba e palavra); ataque inicial (início de sílaba e palavra); coda medial (final de sílaba dentro de palavra) (Castro e Gomes, 2000; Gomes e Castro, 2005; Vigário et al cit in Ferrante et al, 2008).

A posição do /r/ na sílaba irá ter um papel preponderante na aquisição da estrutura silábica, uma vez que o /r/ em ataque simples é adquirido primeiramente que o /r/ em ataque complexo, demonstrando o maior grau de exigência e complexidade que exige a produção do mesmo nos contextos silábicos referidos (Teixeira e Miranda *cit in* Ferrante et al, 2008). A estrutura de ataque complexo tal como referido é a última a adquirir a estabilidade no sistema fonológico da criança, tanto para o português europeu como brasileiro, por ser a estrutura mais complexa, e que representa o maior número de ausências em crianças com desvios de fala (Castro e Gomes, 2000 e Giacchini et al, 2012).

Tendo em consideração aquilo que foi focado neste campo, podemos então concluir que para uma articulação correta da fala é exigido que exista uma correta coordenação motora, contudo a articulação de um som de forma eficaz não depende exclusivamente, da coordenação motora. Para isso, necessitamos também da aquisição dos sons que determinada língua possui, no qual falamos da aquisição fonológica. Desta forma, consideramos que a correta articulação dos sons da fala não necessita somente da coordenação motora mas também da aquisição fonológica, e só assim poderemos formar as palavras (Castro e Gomes, 2000). É importante o estudo da aquisição da estrutura silábica, uma vez que esta está relacionado com a existência de alguns desvios de fala, pois estes podem ocorrer ao nível de qualquer um dos constituintes da sílaba (Mateus et al, 2005).

### **3. Desvios de fala**

A idade em que aparece a fala, a velocidade com que ela se desenvolve, bem como os diferentes tipos de erros articulatórios que vão surgindo aquando do desenvolvimento fonológico, vão depender da criança em questão, ou seja, o tempo que leva a tudo isto processar-se vai depender também de criança para criança (Rondal et al, 2007). Como já falado anteriormente, as primeiras palavras que a criança começa por produzir não são articuladas da forma mais correta, e entre os dois e os quatro anos de idade verificam-se inúmeros progressos no desempenho articulatório da criança, sendo que por volta dos cinco anos consideramos que a fala da criança ocorra já com uma boa articulação dos sons. Contudo, podemos deparar-nos com crianças que com essa idade não consigam articular corretamente algumas palavras da sua língua. Assim, quando uma criança não

articula de forma correta algumas dessas palavras, apesar de ter uma articulação inteligível, esta não está a respeitar a identidade dos sons, ou até mesmo a sua ordem, e por isso consideramos que se trata de um desvio de fala (Castro e Gomes, 2000).

O termo desvios de fala será adotado neste trabalho para caracterizar qualquer processo fonológico, esta nomenclatura será usada uma vez que neste estudo analisamos crianças em idade pré-escolar e sem perturbações da fala diagnosticadas. Os desvios de fala, segundo Lamprecht (2004b), são apenas uma mudança de padrão do qual não podemos falar em distúrbio ou até perturbação, pois o aparecimento de um desvio ocorre quando se trata do processo natural de aquisição.

Os desvios de fala dizem respeito a ações mentais na fala de maneira a mudar classes ou sequências fonémicas, e trazem dificuldades para a capacidade da fala da pessoa, através de substituições de classes idênticas, contudo não se encontra presente o motivo causador destas dificuldades (Bosch, 2007). Por outro lado, Lamprecht (2004b), classifica os desvios como “estratégias de reparo”, ou seja, a criança usa estratégias para poder solucionar o problema que possa existir entre o sistema fonológico da sua língua e as capacidades que a criança demonstra ter em certo momento do desenvolvimento. Desta forma, a criança pode efetuar simplificações de estruturas silábicas, usar um inventário fonético/fonológico incompleto, diminuir os movimentos articulatorios e realizar assimilações. Outra das perspetivas é apresentada por Yavas et al (2002), que caracterizam os desvios de fala como inatos e naturais. Considerando esses processos naturais uma vez que eles advêm de necessidades e dificuldades ao nível da articulação e perceção, e que a partir daí se obtém adaptações ao nível da fala resultantes das restrições naturais causadas, quer ao nível da produção como da perceção. E são considerados inatos porque as dificuldades com que a criança se depara ao nascer, não se devem manter e têm de ser ultrapassadas para que elas não façam parte da sua língua. Os mesmos autores referem ainda que estes desvios, são também universais, ou seja, eles encontram-se em todas as crianças, por esse motivo, o suporte a partir do qual elas iniciam o desenvolvimento fonológico é o mesmo. Desta forma, ao iniciar a fala as crianças começam por estruturas mais simples como as palavras que contêm os fonemas plosivos e as vogais abertas, ocorrendo a repetição da mesma sílaba (por exemplo: “Pópó”) (Yavas et al, 2002; Castro e Gomes, 2000). A criança deve saber superar estes desvios e diminuí-los à medida que vai conhecendo melhor a sua língua e encontra sons,

estruturas e contrastes menos simples e naturais (Yavas et al, 2002).

Os autores Cigana et al (*cit in* Costa e Ferreira, 2002) classificam os desvios de fala em apenas dois grandes grupos, os desvios de estrutura silábica e substituição. As substituições são definidas pelas modificações que os sons podem sofrer (Bosch, 2007). Assim segundo os autores Cigana et al (*cit in* Costa e Ferreira, 2002) podemos encontrar dentro deste grupo os seguintes desvios:

- Anteriorização: substituição de um fonema palatal ou velar por uma alveolar ou labial. Este processo ocorre com maior frequência nos fonemas fricativos, de palato-alveolares passam a alveolares.
- Desvozeamento: substituição de fonemas fricativos ou plosivos sonoros como surdos.
- Substituição de líquida: troca de um fonema líquido lateral ou não lateral por outro.
- Semivocalização de líquida: substituição de qualquer fonema líquido por uma semivogal.
- Plosivização: substituição de uma fricativa por uma oclusiva.
- Posteriorização: substituição de um fonema labiodental, dental ou alveolar por uma palato-alveolar ou velar.
- Assimilação: substituição de um som, na mesma palavra, por influência de outro.

Os desvios de estrutura silábica, são aqueles que sofrem alterações ao nível da estrutura silábica da palavra (Bosch, 2007). E segundo Cigana et al (*cit in* Costa e Ferreira, 2002), podemos considerar dentro deste grupo alguns dos seguintes desvios:

- Redução de grupo consonântico: omissão de grupo consonântico dentro da mesma sílaba, sendo por norma a líquida.
- Omissão de sílaba átona: é omitida a sílaba não acentuada, tanto pré como pós-tónica, em palavras com polissilábicas.
- Omissão de consoante final: omissão da consoante que se encontra em final de sílaba.

- Omissão de líquida intervocálica: omissão de uma líquida lateral ou não-lateral, entre duas vogais.
- Omissão de líquida inicial: omissão de líquida em início de palavra.
- Metátese: existe uma reorganização de sons dentro da palavra.
- Epêntese: inserção de uma vogal entre duas consoantes.

Apesar de até ao momento termos referido apenas a desvios de fala isolados, nem sempre as crianças realizam um único desvio por palavra. Os autores Yavas et al, (2002) referem que é comum encontrarmos na realidade clínica a ocorrência de mais do que um desvio na mesma palavra. Por isso, introduziram uma nova categoria aos dois grupos mencionados anteriormente, sendo ela, a coocorrência de desvios de fala, que pretende designar a ocorrência de mais do que um desvio para a mesma palavra.

Segundo Peña-Brooks et al (*cit in* Ferrante et al, 2009), existem alguns desvios de fala que tendem a desaparecer por volta dos 3 anos de idade, tais como: omissão de sílaba átona, omissão de consoantes finais, anteriorização e assimilação. Outros desaparecem, por norma, após esta idade, tais como a redução de grupo consonântico, epêntese, semivocalização de líquida, plosivização. Também as autoras Castro e Gomes (2000) referem que, nas crianças falantes do português europeu, verifica-se a ocorrência de coalescências e omissões de sílaba átona até por volta dos 3 anos, já por volta dos 5 anos os desvios ocorridos são menos, mas mais complexos como é o caso da metátese. De acordo com Andrade et al (*cit in* Ferrante et al, 2009), os desvios de fala como omissão de sílaba átona, assimilação, plosivização, posteriorização e anteriorização são eliminados entre os 2:0 e os 3:6 anos de idade. Já aos 4:6 os desvios de posteriorização e anteriorização tendem a ser eliminados. E ainda, por volta dos 7 anos de idade dá-se a eliminação de redução de grupo consonântico e omissão de consoante final, em crianças que têm um desenvolvimento típico.

Segundo Freitas (2004), existem poucas substituições ao nível da plosivas e nasais, e por isso são considerados tanto os fonemas plosivos como os nasais como a classe de sons onde ocorrem menos substituições. As autoras Castro e Gomes (2000) referem que os desvios por substituição para o português europeu são observados em crianças ao nível pré-escolar, e indicam que existe uma dificuldade em usar os fonemas fricativos. E é dentro desta classe de sons que ocorre uma das substituições mais frequentes, pela

troca de uma fricativa por uma plosiva, tendo esta substituição o nome de plosivização, e ocorre preferencialmente nos fonemas /s/ e /ʃ/ substituídos por /t/ e o /z/ e /ʒ/ por /d/, estas substituições podem manter-se até aos 3 anos, mas a tendência é que venha a desaparecer por essa altura (Castro e Gomes, 2000 e Oliveira, 2004). Existem ainda mais dois tipos de substituições ao nível das fricativas, sendo elas o desvozeamento (onde ocorrem principalmente e com maior frequência a substituição de /ʃ/ por /s/ e do /ʒ/ por /z/), e a anteriorização das fricativas, contudo dentro destas duas substituições os fonemas /f/ e /v/, não estão incluídos (Castro e Gomes, 2000; Oliveira, 2004).

Ao nível dos fonemas líquidos são visíveis inúmeras substituições e omissões. Para a líquida lateral /l/ é muito comum encontrarmos a omissão desse segmento em sílaba, ou a semivocalização da mesma, mas também, menos frequente que os anteriores, temos a substituição de líquida onde esta é substituída por outra da mesma classe, ou pela nasal /n/. Já para a líquida lateral /ʎ/ a substituição mais significativa desta é a troca da mesma por /l/ contudo, não menos significativa, temos a ocorrência de semivocalização desta, quanto à omissão da mesma esse processo não é tão frequente. Este tipo de processos ocorrem ao nível do /ʎ/ até ao momento de aquisição deste fonema, ou seja, por volta dos 3:6 a 4 anos. Na líquida vibrante /R/ é frequente encontrarmos a substituição da mesma por /l/, a sua omissão, semivocalização e substituição desta por plosivas, contudo ocorre com mais frequência a omissão do /R/ e a sua substituição por /l/. Para a líquida vibrante /r/ é mais frequente encontrar a ocorrência de omissões, semivocalizações e substituições deste por /l/, este último é o que ocorre com maior frequência entre os 2:0 e os 2:7 (Mezzomo e Ribas, 2004).

Conforme Castro e Gomes, (2000), existe uma grande quantidade de desvios para o português europeu, que ocorrem entre os 3 e os 5 anos de idade que tem como causa a omissão do segmento complexo na sílaba, as dificuldades manifestam-se, principalmente, de duas formas a epêntese no qual a criança simplifica a estrutura complexa com que se depara, acrescentando-lhe uma vogal passando uma sílaba CCV a CVCV. A segunda forma refere-se à metátese, ou seja à uma troca de ordem ao nível da estrutura CCV passando esta a CVC. As autoras mencionam que este tipo de redução de grupo consonântico ocorre preferencialmente por volta dos 3 a 4 anos, contudo o mesmo não deixou de ocorrer em algumas crianças com 5 anos no estudo por elas realizado. É importante perceber também que estes desvios mostram que existe

dificuldades na articulação de uma sílaba complexa, mesmo a criança conseguindo produzir todos os segmentos da palavra em causa, o difícil será o encadear de tais sons na ordem proposta (Castro e Gomes, 2000).

A importância de analisar os desvios de fala na fase pré-escolar permite-nos perceber que existe uma sequencialização ao nível da aquisição dos sons, e quanto à forma como estes são organizados silabicamente (Castro e Gomes, 2000).

#### **4. Testes de avaliação da fala**

Para avaliação da articulação no português europeu existem diversos testes que permitem avaliar todos os fonemas do português em palavra isolada, assim a seguir são apresentados alguns deles.

O Teste Articulatório CPUP (Centro de Psicologia da Universidade do Porto): Sons em Palavras permite-nos avaliar a articulação em palavras de forma isolada em crianças dos 2 aos 9 anos de idade. Contém 40 imagens para a nomeação de 45 palavras alvo, após uma frase estímulo. As palavras-alvo para este teste foram analisadas tendo em conta critérios psicolinguísticos como a complexidade das estruturas silábicas, extensão, imaginabilidade, frequência e familiaridade das palavras, tendo em conta as crianças mais novas. Assim este teste possui no seu total 78 fonemas alvo sendo 56 em sílaba simples (CV), 12 em coda (CVC) e 10 em grupo consonântico (CCV). (Vicente et al 2006). Assim, é permitido ao seu utilizador compreender de forma mais detalhada as capacidades articulatórias da criança, sendo este teste de fácil aplicação e muito completo que nos permite uma avaliação muito eficaz (Gomes e Castro, 2005).

O TAV (Teste de Articulação Verbal), criado por Guimarães e Grilo em 1996, avalia todos os fonemas do português europeu em posição inicial, medial e final de palavra e em 8 grupos consonânticos, no qual é pedido a nomeação de imagens. Este teste contém um folha de registo no qual, podem ser registadas a produção espontânea e/ou por repetição. Este teste tinha inicialmente como população alvo as crianças em idade pré-escolar e escolar até aos 12 anos de idade, contudo este foi, posteriormente, alterado passando a ser utilizado para crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e 0 meses e os 6 anos e 5 meses (Guimarães *cit in* Lousada, 2012).

Já o teste TAPAC-PE permite avaliar todas as consoantes do português europeu nas diferentes posições em palavra, usando a nomeação de imagens ou a leitura de palavras. Atualmente e devido aos erros detetados neste teste os autores realizaram alterações quer ao nível gráfico como metodológico e assim deram origem a um novo teste TAPA-PE, onde já estão incluídas para avaliação também as vogais, ditongos e grupos consonânticos do português europeu. O teste pode aplicar-se a pessoas alfabetizados ou não e que possuam idade igual ou superior a 3 anos (Falé et al, 2010).

O TFF-ALPE possibilita aos seus utilizadores avaliar tanto a produção das consoantes, como grupos consonânticos, vogais orais e nasais do português europeu em diferentes posições na palavra, este teste utiliza a nomeação de imagens e permite também analisar a percentagem dos diferentes desvios de fala ocorridos. O teste está padronizado para crianças entre os 3 anos e os 6 anos e 11 meses (Mendes et al, 2013).

A PACA criada por Baptista em 2009, permite avaliar a produção de 18 fonemas do português europeu quer em posição inicial, medial como final e ainda avalia 6 grupos consonânticos, usando para isso a nomeação de imagens. Esta prova destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade (Lousada, 2012).

## **II. Metodologia**

### **1. Objetivos**

O objetivo geral do estudo é verificar se os desvios de fala ocorridos em palavra isolada e em frase diferem. Os objetivos específicos são: a) comparar os desvios de fala em palavra isolada com os ocorridos em frase; b) relacionar os desvios da fala em palavra isolada e em frase, com a idade; c) relacionar os desvios de fala em palavra isolada e em frase com a escolaridade mais elevada dos pais; d) descrever os diferentes desvios de fala ocorridos em palavra isolada e/ou em frase.

### **2. Tipo de estudo**

Este é um estudo do tipo quantitativo, ou seja, serão quantificados dados observáveis e nos quais o investigador não teve qualquer influência (Fortin, 2006). Uma vez que este estudo se prende com a verificação do tipo de desvios de fala usados pelas crianças em dois contextos diferentes (palavra isolada e em frases), podemos considerar que os dados recolhidos não dependem do investigador em causa.

O estudo é ainda do tipo descritivo correlacional, pois segundo Fortin (2006), é neste tipo de investigação que é possível estabelecer e descrever relações que possam existir entre as variáveis selecionadas.

### **3. Amostra**

Os critérios de inclusão neste estudo foram os seguintes: ter como língua materna o português europeu, uma vez que o estudo é realizado em Portugal; idade de 3 a 5 anos, pertencerem ao concelho de Amarante ou Felgueiras, para um mais fácil acesso à população em questão. Como critérios de exclusão, as crianças não poderiam ter um diagnóstico clínico conhecido como tendo possível influência na articulação dos sons da fala (Autismo; Síndrome de Down; Paralisia Cerebral; entre outros).

A amostra inicial foi de 35 crianças, mas uma vez que uma das crianças não colaborou, decidimos excluí-la do estudo, por isso a amostra obtida foi de 34 crianças do sexo

feminino e masculino, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade, e que frequentavam o mesmo jardim de infância.

<b>Idades</b>	<b>Total</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
3 anos	12	7	5
4 anos	9	6	3
5 anos	13	7	6
Total	34	20	14

**Tabela 1:** Amostra total por idades e sexo

#### 4. Variáveis

Os autores Yavas et al (*cit in* Antunes e Rocha, 2009), determinaram um conjunto abrangente para distinguir as diferentes classes de desvios de fala, onde incluem: omissão (estando nestes contida a omissão de fonema em qualquer posição na sílaba, a omissão de sílaba átona, a redução de grupo consonântico, omissão da lateral /l/ ou /r/ em sílabas do tipo CCV), metátese, epêntese, substituição (desvozeamento, anteriorização, substituição de líquida, plosivização, posteriorização, assimilação, vozeamento), atipia (produção de sons que não correspondem a fonemas da língua portuguesa), e ainda coocorrência de processos (quando há a realização de mais do que um processo na mesma palavra). Foram definidos para o estudo em causa, as variáveis independentes idade, sexo, escolaridade dos pais: onde está incluído o nível mais elevado de estudos do agregado. As variáveis dependentes são a articulação das consoantes em palavra isolada e em frase caracterizadas em:

- Produções Corretas – estão incluídas todas as respostas espontâneas corretamente articuladas;
- Produções incorretas – inclui as respostas espontâneas produzidas com erros articulatorios;
- Repetições – neste item constam as respostas dadas por repetição.
- Omissões – omissão de fonema em qualquer posição na sílaba e a omissão de sílaba átona;
- Substituições – produção de qualquer um destes erros articulatorios: desvozeamento, anteriorização, substituição de líquida, plosivização, posteriorização, assimilação, vozeamento;

- Epêntese – inserção de uma vogal entre duas consoantes.
- Metátese – quando a ordem de sons dentro da palavra é alterada;
- Distorções e atípias – quando a produção de sons não corresponde a fonemas da língua portuguesa;
- Coocorrência – para a realização de mais do que um erro articulatorio na mesma palavra;

## **5. Material e Procedimentos**

Este estudo é o resultado da escassez de investigações existentes para o português europeu sobre a percentagem de consoantes corretas, comprimento médio do enunciado, e desvios de fala ocorridos em palavra isolada e frase, sendo então sugerido a três alunas (Cátia, Sandra e Isabel) que realizássemos um estudo em que cada uma de nós escolhesse um dos temas citados, para realizar uma investigação.

Foi selecionada a bateria de avaliação do discurso dirigido para o português do Brasil, da autoria de Yavas, Hermandorena e Lamprecht (2002), uma vez que para o português europeu não existiam provas publicadas ou disponíveis que nos permitissem esta avaliação, tanto quanto é do conhecimento das autoras. Foi realizado um pedido de autorização aos autores da prova (anexo 1) e a autorização obtida por parte do autor Yavas e editora está no anexo 2 e 3. Depois de analisada a prova de avaliação do discurso dirigido, achamos que esta seria demasiado extensa tanto em termos de palavras como imagens e decidimos que para a faixa etária das crianças do estudo, era necessário desenvolver uma atividade apelativa, fácil de aplicar, sem muitas questões e que não fosse excessivamente demorada. Optamos então por adaptar a prova ao português europeu usando apenas três das cinco imagens (anexo 4) para a produção de 37 palavras, nas quais estavam presentes todos os fonemas do português e em todas as posições em palavra. Para facilitar a recolha dos dados foi realizada também uma tabela (anexo 5) na qual constavam todas as palavras organizadas pela imagem em que deveriam ser nomeadas, e onde seria transcrita a frase usada pela criança para nomear a palavra em causa, quando a criança não efetuasse a nomeação correta da palavra eram usadas pistas (anexo 6) e em casos de insucesso na resposta era usada a repetição para a palavra pretendida.

Outro teste selecionado foi o CPUP – Prova de sons em palavras, uma vez que um dos estudos pretendia a comparação entre a nomeação em palavra isolada e em frase, para verificar a ocorrência de desvios de fala. Este teste foi selecionado por ser rápido e fácil de aplicar, porque permite uma avaliação completa relativa a todos os fonemas do português europeu, e ainda contém frases estímulo para ajudar na nomeação da imagem, sem comprometer uma nomeação espontânea (Gomes e Castro, 2005).

Para a caracterização da amostra a ser observada foi realizado um questionário sócio-demográfico (anexo 7) onde foram definidas as variáveis: sexo, idade, escolaridade dos pais, sala de aula e localidade, parâmetros estes que nos permitiram criar os critérios de exclusão e inclusão, já referidos anteriormente, quanto à variável sala de aula, não será estudada uma vez que a amostra recolhida não é suficiente para poder comparar e retirar conclusões, sobre a sua influência para o estudo.

Foram realizados os consentimentos informados aos pais e instituição (anexo 8 e 9), nos quais era informado o objetivo do estudo em causa e os procedimentos que seriam adoptados, bem como a confidencialidade dos dados recolhidos. Após isto passamos à escolha da instituição a usar para a realização do estudo, no qual o Centro Social e Paroquial de Santão, situado no concelho de Felgueiras, pertencente ao distrito do Porto, foi o local escolhido pelas investigadoras, uma vez que uma delas tinha conhecimentos que facilitassem uma resposta mais breve.

Foi entregue o pedido de autorização à instituição e após a resposta positiva, foram encaminhados para os pais os 45 consentimentos informados juntamente com o questionário sociodemográfico, tal como já havia sido informado. Foi dado aos pais um prazo limite de entrega de dez dias assim à data da recolha foram entregues 35 respostas, sendo então esta a nossa amostra inicial. Entretanto, foi analisado entre as investigadoras e a instituição os dias mais favoráveis para realizar a recolha dos dados. Para facilitar a recolha de dados, bem como para obtenção de um maior número da amostra, para cada um dos estudos, foi sugerido que nos dividíssemos pelas três faixas etárias a estudar (3,4 e 5 anos), assim cada uma das investigadoras ficaria responsável pela avaliação da fala de uma das idades.

Após análise dos testes a aplicar, achamos que seria mais pertinente aplicar em 1º lugar o teste CPUP, uma vez que achamos que este seria um teste potencialmente menos inibidor para a criança, visto que era apenas necessário nomear a imagem visualizada, e não era necessário elaborar uma história com base em imagens, tal como seria pedido na prova a realizar a seguir. Para a realização desta prova do discurso dirigido a avaliadora escolheu uma das imagens originais do teste que não seria apresentada à criança e deu o modelo daquilo que pretendia. De seguida, as crianças tinham de contar uma história a partir das três imagens que lhe seriam apresentadas, sendo que uma de cada vez. A avaliação ocorreu de forma individual, onde cada criança estava apenas junto da avaliadora, numa sala à parte das restantes crianças, e no qual todas elas foram gravadas com recurso a um gravador áudio para ajudar na recolha dos dados. Cada avaliação durou cerca de 30 a 40 minutos.

Depois de efetuadas todas as avaliações, foi realizada a transcrição de todos os dados recolhidos, nas respetivas folhas de registo, por cada investigadora responsável pela sua faixa etária. E por fim, a análise de todos os dados recolhidos foi cedida entre as investigadoras. No qual, para este estudo, após recolha foram analisados os desvios ocorridos na aplicação do teste CPUP e na prova de discurso dirigido, onde foram contabilizadas da mesma forma as palavras-alvo, contidas nas três imagens apresentadas à criança.

## **6. Análise e tratamento de dados**

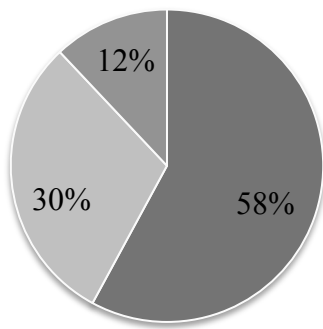
A análise dos dados estatísticos foi realizada através do SPSS – Statistical Package for Social Sciences, versão 21.0, onde foram usados testes não paramétricos para análise da amostra por idade e sexo, e testes exploratórios para verificar a média de produções corretas/incorrectas em palavra isolada e em frase para os graus de escolaridade dos pais. Ainda foram usadas correlações de Spearman para verificar a relação entre os desvios de fala (em palavra isolada e em frase), e a idade e o grau de escolaridade mais elevado dos pais. Através do SPSS os dados foram transferidos para uma folha de cálculo no programa Excel para uma análise mais descritiva dos desvios de fala, onde para os cálculos foi usada a seguinte fórmula:

$$(\%) \text{ frequência dos desvios de fala} = \frac{\text{Total de ocorrências de desvios}}{\text{Total obtido para toda a amostra}} \times 100$$

### III. Apresentação de resultados

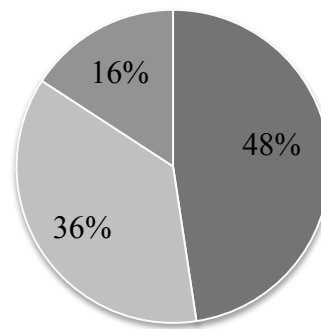
Através da análise estatística realizada para este estudo foram obtidos os resultados seguidamente descritos e expostos em tabelas ou gráficos. Tal como já havia sido mencionado, a amostra deste estudo é constituída por 34 crianças, havendo mais indivíduos do sexo masculino ( $n=20$ ) do que feminino ( $n=14$ ).

No gráfico 1 e 2 encontram-se os resultados relativos às produções de fala em palavra isolada e em frase, respetivamente. No gráfico 1 verificamos a ocorrência de um total de 30% de produções incorretas e já no gráfico 2 verificamos uma produção de palavras incorretas em frase de 36%, ou seja, comparando os dois gráficos, observamos um ligeiro aumento na percentagem de produções incorretas quando falamos na produção em frase.



■ Corretas ■ Incorretas ■ Repetições

**Gráfico 1:** Palavras isoladas



■ Corretas ■ Incorretas ■ Repetições

**Gráfico 2:** Palavras em frase

A correlação de Spearman foi realizada para relacionar os desvios de fala em palavra isolada e em frase com a idade das crianças, permitindo-nos obter, respetivamente, os seguintes resultados,  $R= 0,784$ ,  $p< 0,01$  e  $R= 0,663$ ,  $p< 0,01$ . Estes demonstram existir uma correlação estatisticamente significativa entre as variáveis, concluindo que com o aumento da idade ocorre também o aumento do número de consoantes corretas produzidas.

Ao correlacionar o grau de escolaridade mais elevado dos pais com a produção de consoantes corretas, quer em palavra isolada ( $R= -0,073$ ,  $p= 0,680$ ), quer em frase ( $R= 0,188$ ,  $p= 0,287$ ), não obtivemos uma correlação estatisticamente significativa. Para

observar a descrição detalhada (média) dos desvios de fala em função do nível de escolaridade dos pais consultar anexo 10.

Na tabela 2 encontram-se os desvios de fala ocorridos em função da idade e divididos pelos dois tipos de produção estudados, palavra isolada (P.I.) e em frase (F), assim podemos verificar a porcentagem de crianças que produziu determinado desvio de fala e comparar essa produção nos dois momentos distintos (P.I e F.), e verificar as diferenças que possam existir entre eles.

	Omissões		Substituições		Epêntese		Metátese		Distorções/ atípias		Coocorrência	
	P.I.	F.	P.I.	F.	P.I.	F.	P.I.	F.	P.I.	F.	P.I.	F.
3 anos	39,7	49,8	23,2	16,3	4,9	10,3	1,3	0,0	13,4	0,5	17,4	23,2
4 anos	35,4	41,1	30,1	26,7	9,7	5,6	8,8	11,1	0,0	1,1	15,9	14,4
5 anos	39,0	39,0	33,3	29,5	0,8	1,0	13,0	9,5	2,4	2,9	11,4	18,1
Total	38,5	45,0	27,6	22,1	5,0	6,8	6,3	5,0	7,2	1,3	15,4	19,9

**Tabela 2:** Porcentagem total dos diferentes desvios de fala ocorridos por idade

Aos 3 anos de idade observa-se que ocorre um número maior de omissões (39,7% / 49,8%) comparando com as restantes idades. O mesmo acontece ao nível das coocorrências e distorções/atípias, que vão diminuindo à medida que a idade da criança aumenta. Já em relação às substituições e metáteses, estas têm tendência a aumentar conforme se vai verificando o aumento da idade, onde temos então o pico mais elevado de substituições e metáteses aos 5 anos de idade. Nas epênteses verificamos que para a produção em palavras isoladas o valor mais elevado que foi registado foi aos 4 anos de idade (9,7%), já em frase o mesmo não sucedeu, pois foi visível a ocorrência de um número mais elevado de epênteses em frase (10,3%) nas crianças de 3 anos de idade.

Nas crianças de 3 anos, quando falamos em desvios de fala ocorridos em palavra isolada, observamos que ocorreram com mais frequência a omissão de sílaba átona e de líquida intervocálica, redução de grupo consonântico, semivocalização de líquida e anteriorização. Já aos 4 anos verificamos não só o desaparecimento de alguns dos desvios referidos, mas também o aparecimento de omissão de líquida intervocálica,

redução de grupo consonântico, posteriorização, semivocalização de líquida, epêntese, desvozeamento e metátese. Quanto às crianças de 5 anos vemos que ocorre em maior número a metátese, omissão de líquida intervocálica, redução de grupo consonântico e semivocalização de líquida.

Por outro lado, quando falamos em produção de palavras em frase verificamos que aos 3 anos os desvios ocorridos são: redução de grupo consonântico, omissão de sílaba átona e líquida intervocálica, anteriorização, posteriorização e epêntese. Aos 4 anos foram observados redução de grupo consonântico, posteriorização, semivocalização de líquida, omissão de líquida intervocálica, epêntese e metátese. Por fim, nas crianças de 5 anos ocorreram com mais frequência metátese, redução de grupo consonântico, semivocalização de líquida e omissão de líquida intervocálica.

#### **IV. Discussão de Resultados**

O desenvolvimento fonológico da criança mostra que a existência de uma certa confusão da criança ao deparar-se com o sistema fonológico no qual está inserida permite-lhe recorrer a produções simplificadas, como forma de adaptação das suas capacidades. É durante a aquisição tanto “normal” como desviante, que se verifica o uso de desvios de fala, os quais se perdurarem mais tempo, e acima da idade cronológica esperada demonstram a provável existência de problemas ao nível da fala (Baesso et al, 2011).

Do total da amostra de 34 crianças, cerca de 30% das crianças a nível da produção em palavras isoladas efetuou uma produção com desvios, já na produção em frase verificamos um pequeno aumento da percentagem (36%) de consoantes incorretas. Segundo os autores Bragança et al (2011) e Indruslak et al (2012), num estudo realizado também com crianças em idade pré-escolar, foram também encontradas estatísticas significativas que demonstram a existência de um elevado número de desvios de fala nestas idades. Quando um fonema está inserido em determinada situação fonética, a produção desses erros para tal fonema pode ser inconsistente dependendo da ocasião e do contexto em que este está inserido (Mezzomo et al, 2008). Desta forma, podemos através da nossa amostra concluir que, estando a articulação de palavras relacionada a contextos diferentes (palavra isolada e frase), é propício dizer que ocorrem mais desvios de fala em frase do que em palavra isolada uma vez que, o contexto fonético de fonemas em frase é mais complexo.

É referido por Indruslak et al (2012) que, no estudo por eles realizado, não observaram diferenças muito significativas entre as idades, não havendo um padrão de aumento ou diminuição conforme a idade. Pelo contrário, neste estudo foram encontradas relações estatisticamente significativas, nas quais verificamos que tanto para a produção em palavra isolada como em frase existe uma tendência de aumento do número de consoantes corretas com o aumento da idade e conseqüentemente, diminui a ocorrência de desvios de fala.

Quanto ao grau de escolaridade mais elevado dos pais e a sua correlação com os desvios de fala verificamos que não existe uma associação estatisticamente significativa. Não

existem, porém, dados na literatura que nos permitam comparar com os resultados obtidos neste estudo, mas por outro lado, Castro e Gomes (2000) e Silva et al (2012), referem que o nível socioeconómico está relacionado com um número maior de ocorrência de desvios de fala quando esse é baixo. Contudo, não podendo efetuar comparação entre ambos, conseguimos verificar que o grau de escolaridade dos pais, neste estudo, não influencia a ocorrência de desvios de fala nas crianças, ao contrário do nível socioeconómico.

Ferrante et al (2009) referem a ocorrência de redução de grupo consonântico, omissão de líquida intervocálica/final, omissão de sílaba átona e anteriorização para a idade dos 3 anos, considerando ainda que a redução de grupo consonântico, a epêntese e a semivocalização de líquida só desaparecem a partir dessa idade. Isto verifica-se também para este estudo, uma vez que, os dados obtidos foram idênticos, verificando-se a ocorrência de mais omissões do que qualquer outro desvio. Os mesmos autores referem ainda que os processos de substituição ocorrem com menor percentagem nas crianças de 3 anos, tal como o resultado obtido neste estudo que demonstra a ocorrência de menor número de substituições em comparação com as restantes idades.

Segundo Bragança et al (2011), verifica-se para os 4 e 5 anos a existência de um menor número de omissões do que substituições. Este facto não se verifica neste estudo, pois o número de omissões vai-se mantendo tendo apenas ligeiros decréscimos principalmente aos 4 anos, contudo as substituições ocorrem em menor número mas são mais encontradas nas idades dos 4 a 5 anos.

Já aos 4 anos Ferrante et al (2009) referem que os desvios mais encontrados para esta idade são: redução de grupo consonântico, omissão de sílaba átona e semivocalização. Estes dados vêm de encontro aos encontrados no presente estudo visto que para esta idade, verificamos também que o maior número de desvios ocorre ao nível das omissões que obtiveram 35,4% em palavra isolada e em frase 41,1%, observando-se então que ocorrem com mais frequência a omissão de líquida intervocálica/final e redução de grupo consonântico tanto ao nível da palavra isolada como frase. Já quanto às substituições verificamos a ocorrência de posteriorização, semivocalização de líquida e desvozeamento, contudo os casos de desvozeamento não ocorreram com tanta frequência em frase. As epênteses e metáteses ocorrem de forma significativa tanto em

palavra isolada como em frase.

Aos 5 anos observamos igual valor de omissões em palavra isolada e em frase (39,9%), sendo os desvios mais frequentes os de redução de grupo consonântico e omissão de líquida intervocálica/final. As substituições ocorreram em palavra isolada 33,3% e em frase 29,5%, das quais as mais observadas foram semivocalização de líquida e desvozeamento. As metáteses foram também um dos desvios observados nesta idade tanto ao nível da palavra isolada (13,0%) como em frase (9,5%). Da mesma forma que Ferrante et al (2009) refere que os desvios mais encontrados na idade referida são: redução de grupo consonântico e omissão de líquida intervocálica/final e ainda metátese, epêntese e desvozeamento. Tal como mencionam Costa et al (2002) e Gomes e Castro (2000), os desvios ocorridos ao nível da estrutura silábica mais frequentes são a redução de grupo consonântico e omissão de líquida intervocálica/final, tal como acontece com este estudo.

## V. Conclusão

Da análise de dados podemos concluir que, ao nível da ocorrência dos desvios da fala, estes aumentaram quando analisada a produção isolada de palavras em comparação com a mesma em frases. Ao relacionar a ocorrência de produções corretas por idade verificamos que esta associação é estatisticamente significativa, o que indica que o aumento da idade influencia a ocorrência de menos desvios de fala. Por outro lado, a verificação da ocorrência de desvios relacionada com a escolaridade dos pais, não obteve uma correlação significativa, podendo assim considerar que esta variável não teve implicação no desempenho articulatorio das crianças. Foi observada a ocorrência com maior frequência de redução de grupo consonântico, omissão de líquida intervocálica/final, semivocalização de líquida, metátese e epêntese. Contudo, e apesar dos resultados obtidos uma das limitações do estudo, foi termos considerado apenas a escolaridade mais elevada de um dos pais e não terem sido analisadas ambas, por outro lado também a amostra, se tornou um limitador pois para um estudo mais fidedigno era necessário uma amostra relativamente maior.

A ocorrência de maior número de omissões no estudo em causa, pode dever-se ao facto de em algumas crianças dos quatro e cinco anos serem encontrados mais desvios de fala do que aqueles que seriam esperados para a idade mas, por outro lado, temos também o facto de nesta variável se encontrarem os desvios considerados como mais complexos, ou seja, a redução de grupo, omissão de consoante em final de sílaba, e outros, uma vez que é referido na literatura que as estruturas silábicas são as últimas a serem adquiridas e nas quais se observam mais desvios de fala mesmo em crianças dos cinco anos. Pode ter sido este factor também limitante para este estudo, contudo pode ser um alerta para trabalhos futuros.

Antes de qualquer outra sugestão e uma vez que para este estudo apenas se pretendia avaliar a fala espontânea da criança, as repetições não foram analisadas mais pormenorizadamente, mas também porque as repetições são usadas para aferir sobre o diagnóstico a dar e não é o caso deste estudo, deixando-se assim esta proposta para um trabalho futuro. Sugere-se ainda que sejam efetuados estudos no qual se verifique qual a influência da escolaridade de ambos os pais para a ocorrência de desvios, e ainda que sejam usadas amostras maiores que ajudem na definição dos critérios de aquisição

fonológica para o português europeu e onde se identifiquem os desvios de fala típicos e atípicos do desenvolvimento fonológico. Pois tal como refere Bragança et al (2011), os estudos sobre o desenvolvimento da fala em crianças em idade pré-escolar ajudam à realização de um diagnóstico mais preciso e à realização de programas de intervenção precoce.

## Referências Bibliográficas

Antunes, E.B. e Rocha, J. (2009). Considerações sobre o desenvolvimento Fonológico e Desvios da fala no Português. *In: Cadernos de Comunicação e Linguagem*. Porto, Universidade Fernando Pessoa. pp. 47- 60.

Baesso, Janaína Sofia; Mota, Helena Bolli; Mezzomo, Carolina Lisbôa and Luiz, Simone Weide. (2012) O uso de estratégias de reparo no constituinte *onset* complexo: desenvolvimento fonológico normal e desviante. *In: Rev. CEFAC*.

Bonilha, G. F. G. (2004). Sobre a aquisição das vogais. *In: Lamprecht, R. R. (Org.). Aquisição fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre, Artmed. pp. 61-71.

Bosch, L. (2007). Transtornos do desenvolvimento fonético e fonológico. *In: Puyuelo, M. e Rondal, J. A. (Orgs). Manual de desenvolvimento e alterações da linguagem na criança e no adulto*. Porto Alegre, Artmed. pp. 167-179.

Bragança, L.; Lemos, S. and Alves, C. (2011). Caracterização da fala de crianças de 4 a 6 anos de creches públicas. *In: Rev. CEFAC*. vol.13, n.6, pp. 986-992.

Castro, S. L. e Gomes, I. (2000). *Dificuldades de aprendizagem da língua materna*. Lisboa, Universidade Aberta.

Costa, B; Ferreira, V. (2002). Análise dos processos fonológicos em crianças com queixa de distúrbio de fala. *In: Rev. CEFAC*, vol. 4, pp. 21-24.

Cunha, C. & Cintra, L. (2005). *Nova gramática do português contemporâneo*. 18ªEd. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Falé, I., Alves D., Pereira, M. e Martins, F. (2010). TAPA-PE: *Teste de Avaliação da Produção Articulatória de Consoantes do Português Europeu*. Lisboa: Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ferrante, C.; Borsel, J.; Pereira, M. (2008). Aquisição fonológica de crianças de classe sócio econômica alta. *In: Rev CEFAC, São Paulo*, v.10, n.4, pp. 452-460.

Ferrante, C.; Borsel, J.; Pereira, M. (2009). Análise dos processos fonológicos em crianças com desenvolvimento fonológico normal. *In: Rev. soc. bras. fonoaudiol*, vol.14, n.1, pp. 36-40.

Fortin, M.F. (2006). Fundamentos e etapas do processo de investigação. Loures, Lusodidacta.

Freitas, G. C. M. (2004). Sobre a aquisição das plosivas e nasais. *In: Lamprecht, R. R. (Org.). Aquisição fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre, Artmed. pp. 73-81.

Galea, D.; Wertzner, H. (2005). Índices de fala em crianças em desenvolvimento fonológico típico. *In: Rev. Pediatria (São Paulo)* vol. 27 n.3, pp.172-180.

Giacchini, V.; Mota, H.; Mezzomo, C. (2012). Variáveis relevantes no processo terapêutico para a aquisição do *onset* complexo na fala de crianças com desvio fonológico. *In: Rev. CEFAC*.

Gomes, I. e Castro, S. L. (2005). O efeito da estrutura silábica na articulação dos sons em palavras. *In: Almeida, A. F. P. (Org.). Fonoaudiologia e Lusofonia: Actas do I Simposium Luso-Brasileiro de Terapia da Fala*. Porto, Universidade Fernando Pessoa. pp. 237-249.

Guerreiro, H. (2007). *Processos fonológicos na fala de crianças de cinco anos*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro.

Indrusiak, C.; Rockenbach, S. (2012). Prevalência de desvio fonológico em crianças de 4 a 6 anos de Escolas Municipais de Educação Infantil de Canoas RS. *In: Rev. CEFAC*. vol.14, n.5, pp. 943-951.

Lamprecht, R. (2004a). Antes de mais nada. *In: Lamprecht, R. R. (Org.). Aquisição*

*fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre, Artmed. pp. 17-31.

Lamprecht, R. (2004b). Sobre os desvios fonológicos. *In: Lamprecht, R. R. (Org.). Aquisição fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre, Artmed. pp. 193-211.

Lousada, M. (2012). *Alterações fonológicas em crianças com perturbação da linguagem*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro.

Mateus, M.; Falé, I.; Freitas, M. J. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa, Universidade Aberta.

Mendes, A.; Afonso, E.; Lousada, M. e Andrade, F. (2013). *Teste Fonético-Fonológico ALPE*. Universidade de Aveiro: Edubox S.A..

Mezzomo, C. L. e Ribas, L. P. (2004). Sobre a aquisição das líquidas. *In: Lamprecht, R. R. (Org.). Aquisição fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre, Artmed. pp. 95-109.

Mezzomo, C.; Baesso, J.; Athayde, M.; Dias, R.; Giacchini, V. (2008). O papel do contexto fonológico no desenvolvimento da fala: implicações para a terapia dos desvios fonológicos evolutivos. *In: Letras de Hoje*, vol.43, n.3, pp. 15-21.

Mourão, D.; Souza, G.; Torres, L.; Vaz, R.; Prado, S. (2006). Estudo sobre desenvolvimento fonológico em fissurados: implicações na fala e linguagem. *In: Estudos, Goiânia*, v. 33, n. 5/6, p. 425-441.

Oliveira, C. C. (2004). Sobre a aquisição das fricativas. *In: Lamprecht, R. R. (Org.). Aquisição fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre, Artmed. pp. 83-94.

Patah, L.; Takiuchi, N. (2008). Prevalência das alterações fonológicas e uso dos processos fonológicos em escolares aos 7 anos. *In: Rev. CEFAC*, vol.10, n.2, pp. 158-

167.

Rondal J. A. et al. (2007) Desenvolvimento da linguagem Oral. *In: Puyuelo, M. e Rondal, J. A. (Orgs). Manual de desenvolvimento e alterações da linguagem na criança e no adulto.* Porto Alegre, Artmed. pp. 17-86.

Silva, M.; Ferrante, C.; Borsel, J. e Pereira, M. (2012). Aquisição Fonológica Do Português Brasileiro Em Crianças Do Rio De Janeiro. *In: J. Soc. Bras. Fonoaudiologia*, vol.24, n.3, pp. 248-254.

Vicente, S. G., Castro, S. L., Santos, A., Barbosa, A., Borges, A., e Gomes, I. (2006). Prova de avaliação da articulação de sons em contexto de frase para o Português Europeu. *In: N. R. Santos, M. L. Lima, M. M. Melo, A. A. Candeias, M. L. Grácio, & A. A. Calado (Orgs.). Actas da Conferência VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia.* Évora: Universidade de Évora.

Yavas, M.; Hernandorena, C. L. M. e Lamprecht, R. R. (2002). *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia.* 2ª Ed. Porto Alegre, Artmed.

**Anexos**

**Anexo 1 - Carta redigida aos autores da prova de discurso dirigido**

Ex<sup>mo</sup> Professor Doutor Mehmet Yavas

Somos alunas de Terapia da Fala da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. No âmbito do projeto final de curso, gostaríamos de pedir autorização para utilizar 3 das imagens, com algumas adaptações, presentes no livro “*Avaliação Fonológica da Criança – Reeducação e Terapia*”, com o objetivo de avaliar a extensão média do enunciado, percentagem de consoantes corretas e desvios de fala em crianças dos 3 aos 6 anos de idade.

Uma vez que não possuímos o contacto das restantes autoras, solicitamos que nos ceda o contacto das mesmas, para efetuar o pedido de autorização, caso seja também necessário.

Aguardamos uma resposta o mais breve possível ao exposto, e agradecemos desde já o tempo dispendido com o assunto, caso desejem poderemos posteriormente enviar os resultados obtidos.

Com os melhores cumprimentos,

Cátia Félix

Isabel Lourenço

Sandra Silva

**Anexo 2 - Resposta de um dos autores da prova de discurso dirigido**

Dear Catia, Isabel & Sandra,

Here it is. Good luck!

Dr. Mehmet Yavas

Professor

Linguistics Program

Florida International University

University Park Campus

Miami, FL 33199

Office: DM 468A

Phone: 305-348-2992

Fax: 305-348-3878

<http://linguistics.fiu.edu/myavasweb.htm>

### **Anexo 3 - Resposta da editora do livro que contém o teste**

Prezadas Profa. June e Isabel Maria, bom dia.

De acordo com a legislação brasileira, a utilização de conteúdos (pequenos trechos ou imagens) de livros publicados no Brasil, desde que com as devidas referências e para fins pessoais (ou acadêmicos), não constitui ofensa aos direitos autorais. Vejam o que diz a Lei 9.610/1998 (Lei do Direito Autoral):

[...] Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais: II - a reprodução, em um só exemplar de pequenos trechos, para uso privado do copista, desde que feita por este, sem intuito de lucro; III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

Assim, desde que o texto que está sendo produzido não seja explorado comercialmente (publicado por alguma editora), não há que se falar em autorização para a finalidade descrita na solicitação enviada.

Abraços, Adriano Eliseu Giachini

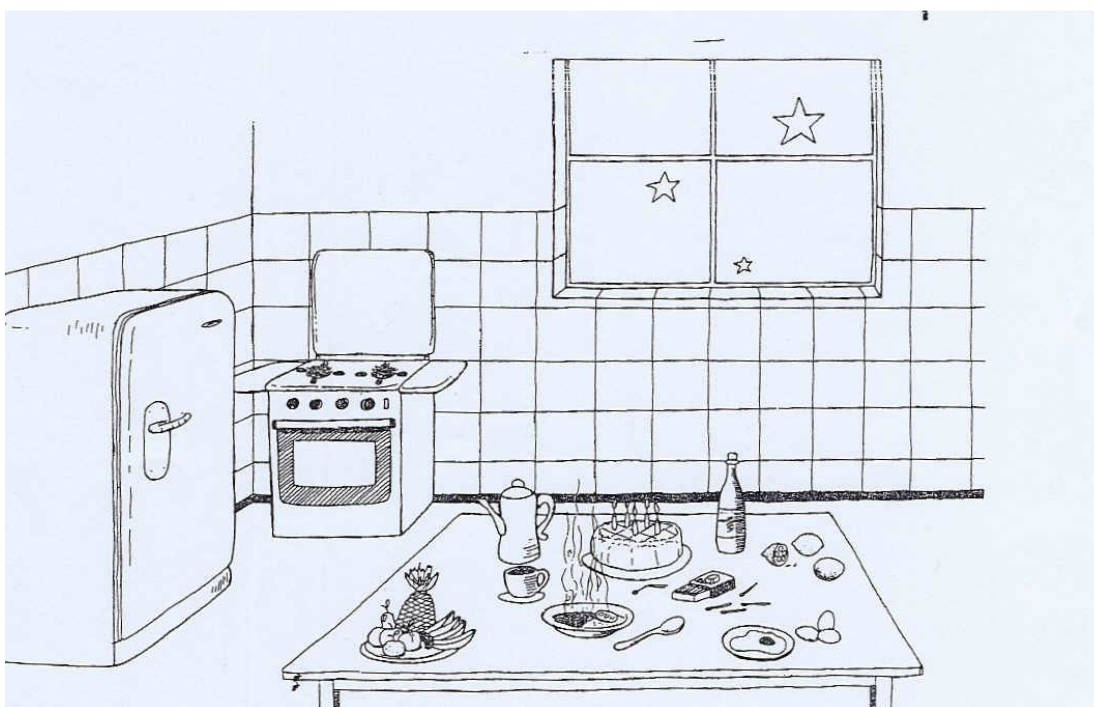
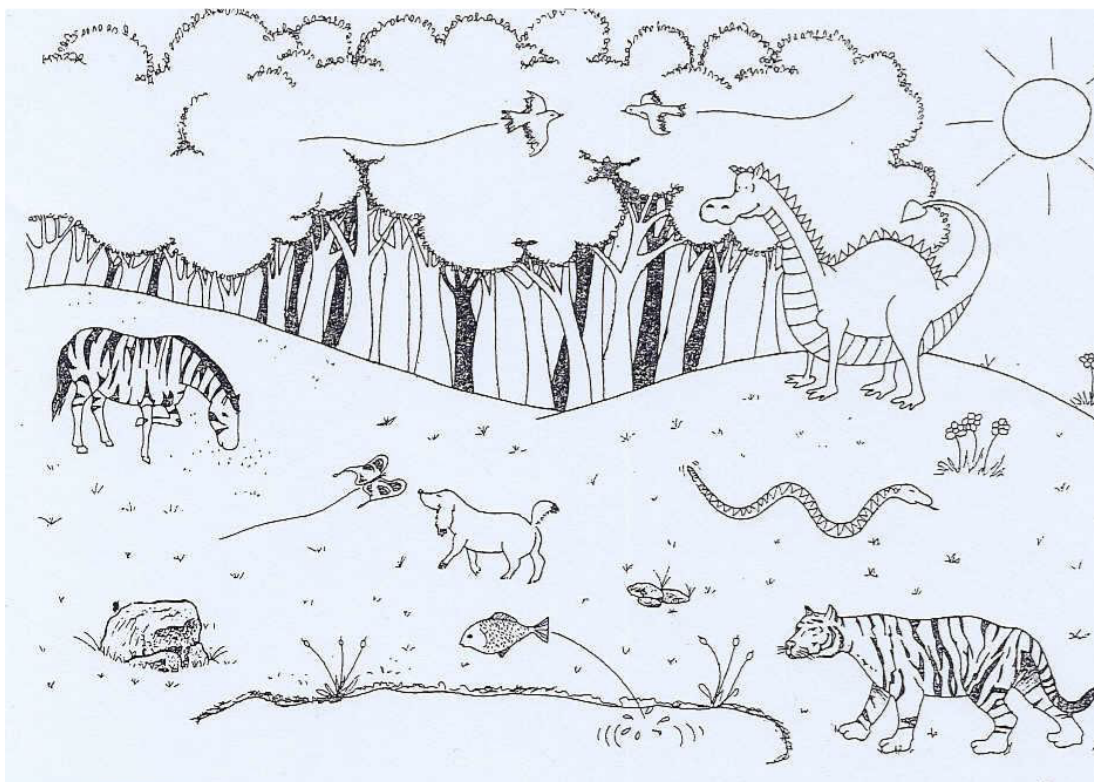
Coordenador de Direitos Autorais | Rights Dept Coordinator |

+55 51 3027 7042 | Fax: +55 51 3027 7058 |

Grupo A | [www.grupoa.com.br](http://www.grupoa.com.br)

Porto Alegre | RS | Jerônimo de Ornelas, 670 | 90040-340 | Brazil

**Anexo 4 - Resposta da editora do livro que contém o teste**



**Anexo 4 - Imagens usadas para a avaliação do discurso dirigido (Continuação)**



**Anexo 5 - Avaliação do discurso dirigido – Descrição de imagens**

	<i>Palavra</i>	<i>Transcrição</i>	Espontâneo	Pista	Repetição
<b>1</b>	1	Borboleta			
	2	Cobra			
	3	Dragão			
	4	Flor			
	5	Floresta			
	6	Grande			
	7	Lago			
	8	Tigre			
	9	Sol			
	10	Peixe			
	11	Zebra			
	12	Zoológico			
<b>2</b>	13	Abacaxi			
	14	Estrela			
	15	Fogão			
	16	Fruta			
	17	Garrafa			
	18	Janela			
	19	Prato			
	20	Vidro			
<b>4</b>	21	Banquinho			
	22	Bolso			
	23	Braço			
	24	Camisola			
	25	Chave			
	26	Dedo			
	27	Nariz			
	28	Relógio			
	29	Armário			
	30	Espelho			
	31	Menino			
	32	Torneira			

**Anexo 6 - Pistas para palavras da avaliação do discurso dirigido**

	<b><i>Palavra</i></b>	<b><i>Pista</i></b>
1	Borboleta	A borboleta é o animal que tem asas coloridas.
2	Cobra	A cobra é um animal que rasteja.
3	Dragão	O dragão deita lume pela boca.
4	Flor	A flor é uma planta que nasce no jardim.
5	Floresta	Na floresta existem muitas árvores.
6	Grande	Que grande é o dragão.
7	Lago	No lago vivem muitos peixes.
8	Tigre	Sou o tigre e tenho riscas no corpo.
9	Sol	Eu sou o sol e vivo no céu.
10	Peixe	O peixe vive na água.
11	Zebra	Sou a Zebra e tenho riscas pretas e brancas.
12	Zoológico	No zoológico existem muitas animais.
13	Abacaxi	O abacaxi é um fruto parecido com o ananás.
14	Estrela	A estrela brilha no céu à noite.
15	Fogão	No fogão fazemos a comida.
16	Fruta	A fruta é um alimento muito saudável.
17	Garrafa	Na garrafa tem sumo.
18	Janela	Da janela podemos ver as estrelas.
19	Prato	No prato colocamos a comida.
20	Vidro	O vidro é um material frágil que parte.
21	Banquinho	O banquinho serve para nos sentarmos.
22	Bolso	No bolso podemos guardar moedas.
23	Braço	O braço podemos colocar pulseiras.
24	Camisola	A camisola serve para nos aquecer.
25	Chave	A chave é um objeto que pode fechar a porta.
26	Dedo	O dedo faz parte da nossa mão.
27	Nariz	Com o nariz podemos cheirar tudo.
28	Relógio	O relógio serve para dar horas.
29	Armário	No armário podemos guardar as roupas.
30	Espelho	O espelho serve para nos vermos.
31	Menino	O menino está a lavar os dentes.
32	Torneira	A torneira deita água.

## Anexo 7 - Questionário sócio demográfico

### 1 – Identificação da Criança:

1.1 - Sexo: F M

1.2 - Idade: \_\_\_\_\_

1.3 - Data nascimento: \_\_\_\_\_

1.4 - Local de residência: \_\_\_\_\_

1.5 - Língua Materna? \_\_\_\_\_

### 1.6 - Sala que a criança frequenta:

1.6.1 – Sala dos 3 anos

1.6.2 – Sala dos 4 anos

1.6.3 – Sala dos 5 anos

1.6.4 – Sala dos 3 aos 5 anos

1.6.5 – Sala do 1º ano

1.7 - Escolaridade (em anos completos) do pai: \_\_\_\_\_

1.8 - Escolaridade (em anos completos) da mãe: \_\_\_\_\_

### 2 - Diagnóstico Clínico:

Ausência

Fenda palatina

Fenda labial

Autismo

Trissomia 21/Síndrome de Down

Outro(s)  Qual(is)? \_\_\_\_\_

## **Anexo 8 - Consentimento Informado Institucional**

Exmo. (a) Diretor(a) do Centro Social e Paroquial de Santão

Cátia Félix, Isabel Lourenço e Sandra Silva, alunas da Universidade Fernando Pessoa, estão a realizar o projeto de graduação para conclusão da Licenciatura em Terapêutica da Fala, com o objetivo de avaliar a fala e a linguagem de crianças em idade pré-escolar e pretendemos, através desta carta, requerer a sua permissão para a realização da nossa investigação.

Este estudo basear-se-á na análise do discurso do participante, induzido pela visualização de imagens, com a duração de aproximadamente 20 minutos, sujeito a gravação áudio e na recolha de alguns dados sócio-demográficos.

Todo o trabalho de recolha será efetuado pelas autoras do estudo e será mantido o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados recolhidos.

A recolha de dados só será realizada mediante a autorização dos encarregados de educação e estaremos inteiramente à disposição para qualquer esclarecimento adicional que julgue necessário.

Aguardamos a sua resposta e agradecemos, desde já, a atenção dispensada com este assunto.

Com os melhores cumprimentos,

---

---

---

**Anexo 9 - Consentimento informado – Encarregados de Educação**

Cátia Félix, Isabel Lourenço e Sandra Silva, alunas da Universidade Fernando Pessoa, estão a realizar o projeto de graduação para conclusão da Licenciatura em Terapêutica da Fala, com o objetivo de avaliar a fala e a linguagem de crianças em idade pré-escolar.

Este estudo basear-se-á na análise do discurso do participante, induzido pela visualização de imagens, com a duração de aproximadamente 20 minutos, sujeito a gravação áudio e na recolha de alguns dados sócio-demográficos.

Todo o trabalho de recolha será efetuado pelas autoras do estudo e será mantido o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados recolhidos.

A recolha de dados só será realizada mediante a sua autorização e estaremos inteiramente à disposição para qualquer esclarecimento adicional que julgue necessário.

Antecipadamente agradecemos a sua compreensão e colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

-----

Eu \_\_\_\_\_  
autorizo a participação do meu educando

\_\_\_\_\_ no estudo em questão.

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura,

\_\_\_\_\_

**Anexo 10 - Média entre a produção de fala e o nível de escolaridade dos pais  
(percentagem)**

<b>Grau de escolaridade</b>	<b>Produção de Fala</b>			
	<b>Corretas</b>		<b>Incorretas</b>	
	<b>P.I.</b>	<b>F.</b>	<b>P.I.</b>	<b>F.</b>
2º ciclo	31,8	14,8	12,4	11,8
3ºciclo	24,8	13,5	14,0	13,0
Secundário	24,7	13,8	13,5	13,0
Licenciatura	25,1	16,7	13,6	10,5

(P.I. = Palavra Isolada e F.= Frase)